QUANTO TEMPO HAVIA SE PASSADO desde a última vez que ouvi a voz de Adachi? Era bem possível que fosse a primeira vez que ela falava em voz alta na sala desde que mudamos de série.

Ao ouvir meu nome, olhei para cima e a encontrei parada ao meu lado, com o nariz e os lábios tensos e rígidos. Como sempre, ela se movia como um robô enferrujado precisando de óleo, a ponto de eu me perguntar se suas juntas faziam barulho. Só de olhar para ela, já me sentia desconfortável.

Então você ESTAVA na escola hoje. Aposto que estava no ginásio, como eu suspeitava.

Ao meu lado, o Trio parou de comer e olhou confuso para a intrusa.

"Posso me sentar ao seu lado?" ela me perguntou.

Eu não me importava, claro, mas e as outras? Olhei ao redor para elas. Eles me encararam com expressões vazias, os olhos vagando timidamente. Ninguém disse nada. Por outro lado, a pergunta tinha sido feita para mim, então talvez a decisão fosse minha.

"Pode sentar," respondi.

Mas não tínhamos exatamente uma cadeira sobrando para ela. Enquanto esticava o pescoço, procurando pela sala uma cadeira que pudesse pegar emprestada, Adachi se ajoelhou ao meu lado. Problema resolvido, acho. Então, ela colocou uma sacola da cantina da escola na minha mesa com um *baque* alto que chamou minha atenção.

"Isso não é meio exagerado?"

Ela tinha três... não, *quatro* sanduíches diferentes? *Quem é você, a Yashiro? Tem certeza de que consegue comer tudo isso?*

"Você pode pegar se quiser."

Ela abriu a sacola para me mostrar o que tinha dentro. Embora eu já tivesse um sanduíche meu, *comida de graça é comida de graça, né?* Então decidi dar uma olhada. Honestamente, era um gesto bem generoso, vindo da mesma garota que costumava me fazer comprar o almoço dela o tempo todo. Entre os itens na sacola, o pão de geleia foi o que mais me chamou atenção, mas... hesitei em pegá-lo.

"Hmmm..."

Olhei para minha barriga. Obviamente, não podia apertá-la na frente de todo mundo... Mas, dito isso, eu sabia com certeza que a Adachi não ia conseguir comer tudo isso sozinha. Assim, acabei decidindo pegar o pão de geleia para mim.

"Se quiser um segundo, pode pegar também."

"Não, tudo bem. Não consigo comer três. Obrigada, mesmo assim."

Com isso, sua expressão finalmente suavizou, e seus lábios se curvaram em um leve sorriso. A ponta do nariz estava vermelha, talvez por todo o esforço necessário para manter o rosto daquele jeito.

Assim que começou a desembrulhar um dos sanduíches, o resto de nós tomou isso como um sinal para voltar à nossa refeição. Mas, enquanto todos continuavam a lançar olhares para Adachi, ela só olhava para mim. Não deu atenção nenhuma ao Trio, como se elas simplesmente não existissem. Desconfortáveis com sua presença, as três comeram em completo silêncio.

Ela era como um meteoro que atravessava nossa atmosfera tranquila e descompromissada, rasgando o ozônio e deixando o ar escapar. E eu não conseguia pensar em nenhuma maneira de remendar essa situação.

Enquanto isso, ela permaneceu sentada aos meus pés como um cão de guarda. Só de olhar para ela, eu ficava inquieta. *Será que realmente não há nenhuma*

cadeira livre? Olhei ao redor novamente e, desta vez, avistei uma. Levantei-me, caminhei até ela e, com a permissão de quem estava por perto, arrastei-a de volta e a ofereci para Adachi.

"Ah, obrigada."

Ela se levantou e sentou na cadeira que eu trouxe. Satisfeita com minha solução, voltei para o meu lugar.

Mas, ao que parecia, isso não resolveu nada. Seu foco continuava completamente em mim, a ponto de eu praticamente *sentir* o peso de seu olhar. Nossos olhos se encontraram; ela olhou para mim com aqueles olhos de cachorro pidão enquanto dava mordidas pequenas e sem entusiasmo no sanduíche. Com os olhos tão cheios de emoção, ela parecia completamente diferente de sua persona robótica da sala de aula, como se estivesse sondando algo em mim… Eu a encarei de volta, tentando entendê-la.

Eu conseguia sentir o Trio nos lançando olhares estranhos, mas isso não me incomodava muito. Honestamente, talvez fosse melhor que Adachi tivesse voltado antes que eu conseguisse me envolver demais emocionalmente.

O silêncio persistiu. E continuaria assim, a menos que Adachi decidisse agir de forma diferente. Mas eu sabia que ela não faria isso, e, portanto, nada mudaria. Ela não demonstrava nenhuma intenção de se enturmar; pelo que eu podia perceber, ela literalmente não se importava com nada além de estar comigo. Adachi voltou para a sala com o propósito explícito de sentar aqui.

Embora uma parte de mim tivesse reservas sobre essa atitude de "ninguém mais importa" dela, outra parte apenas deu de ombros, aceitando isso como "coisa da Adachi". Nada que ela fazia me surpreendia mais. E, embora eu não soubesse exatamente o que a influenciou a voltar, entendia que tipo de pessoa ela era, e, portanto, sabia que isso deve ter exigido dela uma grande dose de coragem e força de vontade. Provavelmente era por isso que minha reação a ela era tão diferente da do Trio.

O ar morno da primavera deu lugar a uma tensão gélida. Ela não percebia os olhares pontiagudos delas? Isso não a incomodava? Honestamente, se eu estivesse no lugar dela, teria mantido distância. Não que ela tivesse tomado a decisão errada. *Cada um tem seu jeito*, pensei comigo mesma, ciente de que isso era um escudo conveniente para minha própria covardia.

Para algumas pessoas, era impossível ter amigos demais; para outras, um já bastava. Cada um tinha suas próprias necessidades individuais e… bem… correndo o risco de parecer convencida, parecia que Adachi havia decidido que eu era a única pessoa de quem ela precisava. Mas se isso a fazia feliz, então não havia nada de errado nisso.

Quanto a mim, às vezes eu me perguntava se precisava de amigos. E ainda não tinha encontrado a resposta. Tudo o que eu sabia com certeza era que o buraco na camada de ozônio teria seu preço... e, nesse ritmo, minha amizade com o Trio provavelmente não duraria nem até a próxima troca de lugares.

***

Depois da aula, Adachi correu até a minha mesa como se fosse hora do almoço novamente. Talvez ela quisesse garantir que seria a primeira pessoa a chegar dessa vez.

"Vamos, uh, caminhar juntas para casa!"

Eu levantei os olhos para ela, sem dizer nada. Depois de alguns segundos, ela piscou e franziu a testa, ansiosa, o que me fez rir.

"Claro," sorri. Com isso, Adachi percebeu que eu estava sendo provocadora.

"Você estava sendo má de propósito?" ela perguntou, fazendo um leve biquinho.

"Nãoooo, claro que não!"

Ignorando a preocupação dela, peguei minha mochila e me levantei da cadeira. Eu podia sentir alguém nos observando, mas decidi não descobrir quem era. Não era como se saber disso fosse mudar alguma coisa.

Dito isso, não dava para realmente "caminharmos juntas para casa" quando morávamos em direções opostas. Chegaríamos apenas até os portões da escola antes de sermos obrigadas a nos separar. Claro, teve aquela vez, no dia da cerimônia de abertura, em que ela foi comigo até a minha casa e só então voltou para a dela, mas eu tinha quase certeza de que ela não cometeria esse mesmo erro de novo tão cedo. Ou assim eu esperava.

Enquanto saíamos da sala, olhei para o perfil dela. Como previsto, o olhar dela oscilava de um lado para o outro. Por algum motivo, os olhos dela sempre pareciam úmidos e cheios de emoção, como a protagonista de algum mangá shoujo antigo. Descemos as escadas, e ela avistou o chaveiro de urso pendurado na minha bolsa. Seus olhos acompanharam o movimento do pingente, indo de um lado para o outro.

Como parecia tão fascinada, ergui o chaveiro para ela ver melhor.

“Esse... esse urso é popular agora?” ela murmurou desajeitadamente.

“Não sei se está na moda, mas ele com certeza é querido,” respondi.

Pelo que eu sabia, ele era um daqueles personagens clássicos de desenho animado que todo mundo conhecia, tipo o *Anpanman*. Pelo menos, estavam pendurados na mesma prateleira naquela loja. E considerando que dois caras estavam pensando em comprar um, claramente ele tinha apelo para um público bem amplo.

“Bem fofinho, né?”

Eu tinha prometido à Tarumi que cuidaria bem dele, e gosto de pensar que cumpri minha palavra até agora. Aliás, minha irmãzinha devia estar com muita inveja, porque bastou dar uma olhada no chaveiro para já planejar com a Yashiro como conseguiriam chaveiros combinando. Em um momento, Yashiro até comentou: “Eu não sabia que uma criatura dessas habitava este planeta.” *Haha, quem me dera.*

"Onde você comprou?"

"Você quer um também?"

"Ah, s-sim... Não me importaria de ter um chaveiro para pôr na bolsa, acho."

"Interessante." *Honestamente, não é tão difícil achar uma loja que venda chaveiros*, pensei. Mas talvez Adachi realmente gostasse desse personagem em particular.

"En-então nós... poderíamos... combinar... Ha ha heh..." Um riso desajeitado escapou dos lábios dela. Meio como um avião que falhou em decolar.

Então é ISSO que ela quer, hein? Eu não via muita graça nisso, mas tudo bem. Clássica Adachi. Ah, mas se ela comprasse o mesmo urso que Tarumi e eu, isso nos tornaria um trio combinando?

Certo, talvez não.

Assim que saímos do prédio da escola, pensei em acompanhá-la até o estacionamento de bicicletas... mas então ela estendeu a mão e segurou meu dedo indicador com o dela. Com a cabeça baixa, ela olhou para mim.

"Po... podemos segurar as mãos?"

Enquanto falava, ela apertava um dos meus dedos, e naquele ponto, minha resposta não importava muito.

"Claro, vai em frente," dei de ombros, e um segundo depois, ela engolfou minha mão inteira. Enquanto Tarumi sempre ia para minha mão esquerda, Adachi preferia a direita.

Pensando bem, Adachi não sabia nada sobre Tarumi. Sem surpresa, já que seus caminhos nunca se cruzaram. Mas, se algum dia isso acontecesse... de alguma forma, eu tinha a sensação de que as coisas ficariam *complicadas*. Afinal, Adachi não parecia ser do tipo que gosta de compartilhar seus brinquedos.

Enquanto segurávamos as mãos, ela usou a outra para destrancar sua bicicleta e tirá-la do suporte. Do meu ponto de vista, parecia muito mais eficiente segurar as mãos depois de pegar a bicicleta, mas, aparentemente, ela tinha outras prioridades. Ela me arrastou junto com a bicicleta até os portões da frente.

Era o máximo que podíamos ir juntas.

"Até mais, Adachi."

"Certo."

Enquanto nos despedíamos, ela me olhou com um ar de saudade.

"Ah, qual é. Vamos nos ver de novo amanhã, não vamos?"

"É..."

"Você vai vir para a escola, né?"

"É..."

Ela murmurou algo baixo demais para eu ouvir; não consegui captar, mas achei que ouvi meu nome em algum lugar no meio. Algo sobre vir me ver? Se eu era a razão dela ir à escola, bem... isso seria lisonjeiro.

De qualquer forma.

"Ah, olá? Terra chamando a senhorita Adachi?"

"Hã?"

"Preciso que você me solte agora? Pra eu poder ir pra casa?"

Levantei nossas mãos unidas até a altura dos olhos. Afinal, não dava exatamente pra me soltar quando ela ainda tinha o peso extra de uma bicicleta ao seu lado.

"Ah, certo!"

Apressadamente, ela começou a me soltar... e então parou no meio do caminho. Suas bochechas e o nariz ficaram corados, enquanto o canto de seus lábios tremia.

"Eu... Eu não vou te soltar."

"O quê?"

Ela ficou ainda mais vermelha, e seu lábio inferior começou a tremer. *Hã, tá tudo bem com você?*

"Eu não vou te soltar!"

"Sim, você já disse isso."

"S-Sol... tar... tar..." Ela murchou rapidamente.

Pelo visto, ela estava tentando fazer uma piada, mas falhou de forma espetacular. Agora, ela encarava o chão com uma expressão que eu já havia descrito antes como seu "olhar de cachorrinho abandonado". Seu cabelo caía pelos ombros, parecendo orelhas de cachorro.

Não querendo ser uma completa idiota nem nada, mas... isso foi bem mais engraçado do que a piada que ela tentou fazer.

Enquanto eu ficava ali, sorrindo, ela olhou para cima, corando.

"Er... v-vem comigo rapidinho."

"Hã?"

Ela começou a me puxar, e, claro, eu não tinha a menor chance contra o peso extra da bicicleta. Enquanto me levava na direção oposta da minha casa, pensei passivamente que esperava que não fôssemos muito longe, mas não protestei. Felizmente, ela parou logo na esquina da escola — nos fundos, do outro lado da rua, perto dos campos agrícolas.

Foi então que me lembrei: tecnicamente, Adachi era uma delinquente. *Talvez ela estivesse prestes a revelar sua verdadeira natureza e roubar meu dinheiro do almoço*, brinquei. Mas então, ela deu um passo bem próximo de mim—

"Q-quê isso!?"

—Ela me abraçou. Um braço ao redor das minhas costas, o outro ao redor do meu pescoço. Ela pressionou sua silhueta contra a minha.

“Eu… Bem, eu…!”

Não grita no meu ouvido! Foi tão repentino e alto que eu me encolhi involuntariamente.

“Eu... eu gosto de você...”

Era bem a cara da Adachi vir com toda a força e logo depois diminuir até desaparecer. Aparentemente ela gostava de mim, mas não explicou o quanto nem de que maneira, então eu realmente não sabia se deveria ficar lisonjeado ou super feliz. Não houve mais explicação; tudo o que ela fez foi se contorcer nervosamente contra mim.

O rosto dela estava enterrado no meu ombro, e eu podia sentir o calor. Se eu esperasse alguns minutos, será que ia sair fumaça das orelhas dela? A menina era tão inflamável que parecia feita de palha. *Talvez seja seguro começar a fazer perguntas agora.*

"Então, uh, por que você… me abraçou de repente?"

Eu ia dizer "pulou em cima de mim", mas achei que isso soaria um pouco crítico na minha cabeça, então optei por algo mais leve. Eu não conseguia ver a expressão dela, mas sentia sua respiração contra o meu pescoço.

"Porque... faz muito tempo desde que..."

"Desde que a gente saiu?"

"Desde que *qualquer coisa* aconteceu. Você sempre está com aquelas... aquelas outras meninas."

Senti os dedos dela se cravarem nas minhas costas. A princípio, a resposta dela não fazia sentido, e ainda assim... no meio da tristeza melancólica, havia uma pequena farpa misturada. E quando aquilo finalmente se alojou no meu ouvido, tudo fez sentido.

"Ahhhh." Dei um tapinha leve nas costas dela enquanto uma compreensão vaga se estabelecia. "Então basicamente, você ficou com ciúmes?"

O pescoço de Adachi se esticou, e isso foi tudo o que eu precisei para saber a resposta. Balancei a cabeça e sorri.

“Você é uma idiota sem salvação,” suspirei, sentindo minha respiração bagunçar um pouco o cabelo dela perto da orelha. Então estendi a mão e ajeitei os fios de volta no lugar.

Pelo visto, Adachi não me via como uma irmã mais velha, mas como uma mãe. Pensando naquela única vez que encontrei a Sra. Adachi, fazia sentido que sua filha procurasse esse tipo de afeto em outro lugar. Mas, convenhamos, era pedir demais de uma adolescente.

Sorrindo de forma meio rígida, desviei o olhar. Se o Trio ou qualquer outra pessoa da nossa classe visse a gente agora, com certeza acharia que estava acontecendo algo mais, e amanhã cedo já teria um monte de rumores correndo. Difícil dizer se Adachi realmente levava essas preocupações em consideração. Talvez ela simplesmente não se importasse.

Enquanto ponderava sobre isso, continuei esfregando as costas da Adachi. Então, quando achei que já tinha passado tempo suficiente, perguntei: “Você já está melhor?”

Devagar, Adachi se afastou — tão gradualmente que quase parecia estar flutuando em uma zona de gravidade zero. Seu rosto estava tão corado que você pensaria que estava no inverno de novo. Como se tivéssemos voltado no tempo.

Mas isso é típico da Adachi.

Aqui, no solo do nosso segundo ano, construímos para nós mesmas uma frágil casinha de palha. Agora ela havia sido queimada até o chão, deixando apenas um campo vazio... e Adachi foi quem acendeu o fósforo.

“Certo, mocinha, é hora de todo mundo ir para casa! E isso inclui você, Sakura-chan!” Eu disse, batendo suavemente na cabeça dela.

“Por que você está falando comigo como se eu tivesse cinco anos?” ela protestou, olhando para mim, suas orelhas coradas.

Acho que você encontrará a resposta se parar para refletir sobre o jeito que tem agido.

“Vou precisar que você largue minha mão agora, tá bom?”

Com os ombros tremendo e os olhos semicerrados, ela foi soltando aos poucos. Estávamos tão suadas que quase esperava que nossas mãos se separassem como cola quase seca. Olhei para minha palma agora vazia. Ainda podia sentir o calor dela... *O que estamos fazendo?*

“Tá, então… posso te ligar mais tarde?” Adachi perguntou, como se fosse uma troca pela minha liberdade. Aparentemente, ela ainda precisava de mais atenção.

“Claro, não me importo.”

Embora eu tivesse que me perguntar se realmente haveria algo de interessante para conversar. Será que ficaríamos lá em silêncio, como sempre? Telefonemas estranhos já eram difíceis para mim do jeito que eram. Com Adachi como outra participante, a responsabilidade de manter a conversa fluindo cairia sobre *mim*. Isso era o que eu mais odiava. Talvez algum dia eu tivesse o suficiente de traquejo social para simplesmente aproveitar o silêncio, mas hoje definitivamente não seria esse dia.

Ainda assim, minha resposta fez Adachi sorrir... e talvez isso fosse tudo o que importava.

“Tá, eu te ligo umas… sete horas, então… é isso.” Com isso, ela pulou na bicicleta e saiu disparada pela rua como uma louca.

Sete?

“Mas isso é hora do jantar…”

Acho que ela não pode me ouvir, pensei comigo mesmo, dando de ombros. Então, desisti de tentar remarcar e decidi ir para casa. Enquanto caminhava, ajeitei o uniforme e cocei o pescoço.

Eu meio que supunha que a maioria das pessoas jantava entre 6 e 7 da noite, mas aparentemente a casa da Adachi funcionava de forma diferente. Admito que não conseguia imaginar ela comendo jantar em um horário fixo todo dia.

Ela e eu tínhamos a mesma idade, mas nossos diferentes ambientes de infância — os lares em que crescemos, as pessoas que nos criaram, as coisas que experimentamos, as coisas que ficaram conosco — nos tornaram pessoas muito diferentes. E eu achava esse tipo de coisa realmente interessante.

***

"Podemos jantar mais cedo hoje? Estou morrendo de fome," menti para minha mãe, só para não ter que me dar ao trabalho de explicar o verdadeiro motivo.

"Como é que é?" Ela se virou para mim, irritada. "Estou fazendo agora mesmo," respondeu friamente. *Sim, eu sei, mas isso não responde à minha pergunta.*

"Quer alguns biscoitos de bolo de ovo?" Yashiro perguntou, me oferecendo o pacote inteiro. Ultimamente, parecia que ela tinha se tornado quase uma frequentadora regular na casa dos Shimamura... Mesmo assim, peguei um, aliviada ao perceber que ainda tinham o mesmo gosto de quando eu era criança.

"Que tal eu servir você primeiro?" minha mãe perguntou. Pelo visto, ela não tinha ignorado completamente o pedido da própria filha.

"Sim, por favor," respondi, sentando-me à mesa de jantar. Algo me dizia que minha irmãzinha ia reclamar disso mais tarde, mas paciência. "O que teremos para o jantar?"

"Frango assado comprado na loja."

Se já está cozido, por que você está cortando ele toda animada, senhora?

"Estou ansiosa por isso," anunciou a pequena gremlin azul ao sentar-se ao meu lado. Olhei para ela com desconfiança, e, em resposta, ela... levantou o pacote de biscoitos novamente. "Quer outro bolo?"

Não, obrigada.

E assim, jantei antes dos outros e voltei para o meu quarto. Conhecendo a Adachi, imaginei que ela poderia perder a paciência e me ligar uns bons trinta minutos antes, mas, quando o relógio marcou 18:30, ainda não havia sinal dela. Então liguei a TV, coloquei o celular ao meu lado e esperei.

Pensando bem, dediquei praticamente toda a segunda metade do meu dia à Adachi. A represa tinha se rompido, e seus sentimentos haviam jorrado em uma torrente poderosa que me levou junto. Não só isso, mas essa enxurrada também parecia ter varrido as últimas duas semanas de preparação para o novo semestre na escola. A partir de amanhã, eu previa que minha rotina diária seria completamente diferente... *É, vai ficar mais agitado.*

Será que a Adachi estava sentada perto do telefone, contando os minutos até as 19h? Eu conseguia imaginá-la sentada de pernas cruzadas na cama, inclinada para frente, olhando fixamente para o celular. Adotei uma posição semelhante; *sim, faz sentido.*

Então, minha irmã entrou no quarto reclamando de eu ter jantado sem ela, e a Yashiro apareceu para me entregar mais bolos. Antes que eu percebesse, meu telefone tocou exatamente às 19h em ponto. Sua pontualidade era tão precisa que ela parecia um cuco humano. Desliguei a TV e atendi o telefone.

"…Shimamura?"

Ela nem se deu ao trabalho de dizer "alô" primeiro. *Por que você precisaria confirmar que sou eu? Foi você quem ligou!*

"Sou eu, sim! Boa noite!"

"Ah, e-er… b-boa noite…"

"Suas pernas estão dormentes?"

"Quê?! Espera, o quê? Como você sabe?!"

Vou tomar isso como um sim. Caí na risada, e enquanto eu ria, o pânico de Adachi só aumentava. Eu conseguia ouvi-la se mexendo do outro lado da linha, como se estivesse olhando ao redor… O que foi? Será que ela achava que eu tinha instalado câmeras escondidas no quarto dela ou algo assim?

“Só achei que seria legal perguntar. Enfim, e aí?”

“O que você quer dizer com ‘e aí?’”

“Pensei que você quisesse falar sobre alguma coisa,” insisti, embora não tivesse muitas esperanças.

“Ah… na verdade, não.”

Sabia.

“É que faz muito tempo desde que conversamos por telefone, só isso.”

Ela fez parecer que costumávamos ter conversas telefônicas regulares, mas isso estava bem longe da verdade. Não tínhamos interesses ou atividades de clube em comum, então sobre o que deveríamos conversar? Nem sequer tínhamos hobbies independentes — *nada*. Sinceramente, foi um milagre que uma dupla

tão esquisita quanto nós tivesse conseguido continuar amigas por seis meses inteiros.

“Você não quer ter amigos, Adachi?” perguntei, lembrando de mais cedo, no almoço. Mais uma vez, acabei ficando encarregada de escolher o tema da conversa.

“Hã? Ah… não, não muito. Não estou super interessada,” ela respondeu de forma seca. Conversar com ela por telefone sempre parecia despertar o lado mais introvertido dela. Era difícil acreditar que essa fosse a mesma garota que me abraçaria agressivamente ou tentaria segurar minha mão.

“Quer dizer, eu…” ela começou, tropeçando nas próprias palavras. Então, caiu em silêncio.

“Você o quê?” perguntei, ajudando-a a se recompor.

“Eu tenho você, então… é isso.”

O que isso tem a ver?

Demorei um minuto para perceber que essa era a desculpa dela para não precisar de amigos.

Sinceramente, essa não foi bem a resposta que eu esperava. Eu imaginava algo mais como “*Você é* minha amiga, Shimamura.” E, sim, ela basicamente disse a mesma coisa com palavras diferentes, mas… caramba, Adachi estava subvertendo minhas expectativas como louca hoje. *Parece que vou ter que aguentar isso por um bom tempo*, pensei, enquanto ajustava minha posição. Usando meu *futon* dobrado como almofada, estiquei as pernas.

“Você fala ao telefone com outras pessoas também?” Adachi perguntou de repente. Ou talvez não tenha sido tão repentino assim, mas com certeza soou dessa maneira. Eu não entendia muito bem o motivo da pergunta.

“Claro, às vezes,” respondi, pensando na Tarumi. *Se ela é a Taru-chan, e eu sou a Shima-chan, o que isso faria de Adachi? “Ada-chan”? Não, isso seria estranho.*

“Você fala?”

A voz dela estava dura como diamante. Ou ela estava realmente chateada com isso, ou simplesmente estava confirmando minha afirmação de maneira pragmática. Zero entusiasmo.

“Isso é algo ruim?”

“Bem, eu tava meio que esperando que fosse só uma coisa entre nós... já que eu não falo com ninguém além de você...”

“O que foi isso? Não consegui ouvir direito.”

Na verdade, eu consegui ouvir, mas não parecia ser algo que eu deveria ter escutado. *Se você quer murmurar pra si mesma, então faça isso depois da ligação, por favor.*

“...Nada.”

Não parecia ser “nada”, mas tudo bem. Eu não queria insistir nisso, então decidi deixar pra lá. “Se você diz...”

“É.”

Mais uma vez, a conversa morreu. Olhei a hora. Nem cinco minutos se passaram. Entediada, comecei a esfregar os dedões dos pés um no outro e fiquei pensando no que fazer. Adachi foi a última pessoa a fazer uma pergunta, então talvez fosse a minha vez... É, parecia certo. Não sei porque me senti tão obrigada a “tomar a minha vez,” mas pelo menos parecia uma solução justa.

Para contornar a tensão desconfortável, decidi oferecer minha gratidão atrasada:

“Ah, certo. Obrigada pelo pãozinho de geleia, aliás.”

“Ah... Claro, sem problema.”

Deveria ter sabido que não iria sair uma conversa disso, pensei comigo mesma com um sorriso irônico. Mas, acredite ou não, Adachi realmente teve uma resposta.

“Então, você gosta de doces?”

Essa foi uma pergunta tão normal que realmente me pegou de surpresa. Pensei sobre os dias em que estivemos no segundo andar do ginásio. O assunto nunca tinha surgido antes? Aparentemente não. Naquela época, não estávamos tentando construir nada entre nós; tudo o que fazíamos era simplesmente existir.

“Sim, eu adoro doces. Existe alguém no mundo que não goste?”

Claro, eu não amava tanto quanto minha irmã mais nova. Sério, se você visse o quanto ela comia, acharia que ela era a Princesa da Docelândia.

“Então... você gostaria de sair para comer doces algum dia...?”

“Huh? Claro.”

Rosquinhas? Suflês? Talvez crepes dessa vez?

“Ok, eh... c-combinado.”

Se ela estava tentando soar animada, falhou completamente. Sua voz estava tão rígida que eu podia imaginar os ombros dela levantados até as orelhas.

Mais uma vez, descemos no vale do silêncio, e estava começando a ser um verdadeiro incômodo nos tirar de lá toda vez. Ou talvez eu estivesse fora de forma, por assim dizer.

“Tá bom, então, a gente pode desligar agora?”

“O quê?!” A voz dela estava tão apavorada que eu praticamente conseguia ouvir um eco dramático atrás dela.

“Quero dizer, estamos só gastando sua conta de telefone só de ficar aqui.”

“Ah, não se preocupa. Eu tenho grana suficiente para isso.”

“Não é meio desperdício gastar dinheiro com *silêncio*?”

Ainda mais porque ela ganhou esse dinheiro correndo por aí com um vestido chinês. Era o tipo de roupa que uma garota como eu nunca poderia usar; só uma garota bonita como a Adachi conseguiria fazer aquilo funcionar. Mas deixa pra lá.

“De jeito nenhum! Quer dizer, se você pensar bem, uh…dessa forma eu posso...”

“O que você quer dizer com isso?”

Eu ouvi um som inquieto de batidas do outro lado da linha, como se fosse uma viciada em açúcar esperando pela próxima dose. Então o som parou, e houve uma pausa... e então...

“Enquanto eu te tenho no telefone, eu... fico com você só pra mim... então, é isso,” ela terminou desajeitada.

Por um minuto, eu fiquei sem palavras. Foi tão... *intenso*. Mas, pensando bem sobre o que aconteceu até agora na nossa amizade, não foi realmente uma surpresa.

“Escuta, Adachi...”

“…Sim?”

“Você consegue ser bem possessiva às vezes, sabia?”

Considerando o que aconteceu no almoço, ela *realmente* parecia uma criança pequena que não sabia dividir seus brinquedos.

“Uhh... Quer dizer, uma quantidade normal, eu diria...”

“É um eufemismo, se quer mesmo saber!”

“Não, sério! Eu sou... eu sou completamente normal!”

Pelo jeito que ela repetia a palavra "normal" várias vezes, parecia que ela estava bastante desconcertada. Eu conseguia imaginar os olhos dela se movendo nervosamente em todas as direções... e essa imagem mental me fez continuar.

“Ah, relaxa. É bom saber que você me ama, independente de como você escolhe expressar isso.”

Assim que as palavras saíram da minha boca, a vergonha bateu e comecei a rir para disfarçar.

Ai, meu Deus, e se ela perceber que estou envergonhada? Me mata agora!

Fiquei ouvindo com o coração acelerado, tentando medir a reação dela... mas não ouvi nada. Normalmente, pelo menos dava para ouvir a respiração dela do outro lado, mas dessa vez havia um *silêncio* genuíno. Olhei para o meu celular; a ligação ainda estava conectada. Confusa, congelei.

Então, do nada, Adachi começou a ofegar e tossir, como se tivesse vindo à tona depois de prender a respiração. (Por consideração a ela, não vou descrever os sons exatos que ela estava fazendo.) Enfim, depois que ela se recuperou, deu para perceber que estava passando por uma espécie de autocondenação com os olhos marejados, então passei um bom tempo tentando animá-la ou amenizar as coisas, ou qualquer coisa que possam nomear. Mas, pelo menos, isso nos deu algo para conversar, então, de certa forma, eu meio que... gostei, eu acho?

Quando a ligação começou a chegar ao fim, olhei para o horário e percebi que aproximadamente trinta minutos tinham se passado. Claro, a maior parte foi silêncio, mas ainda assim foi uma das ligações mais bem-sucedidas que eu já tive.

“Bem, te vejo amanhã na escola. Não falte, ok?”

“Você…”

“Eu o quê?” *Por que ela nunca consegue terminar as frases?*

“Você... é melhor não faltar também... então é isso!”

As pausas estranhas no meio da frase me fizeram rir. Por algum motivo, ela e a Tarumi sempre pareciam adotar uma persona alegre comigo, e nunca dava muito certo para nenhuma das duas.

Espera... será que isso é culpa MINHA?

Depois disso, Adachi parecia relutante em realmente desligar, então eu contei até três e pressionei o botão de encerrar a ligação.

Sempre que estávamos juntas, eu acabava tendo que assumir o comando, e sinceramente, isso era exaustivo. Eu simplesmente não era o tipo de pessoa que liderava... Agora que a ligação tinha acabado, eu puxei os joelhos para perto do peito e os abracei.

“Nnnngh…”

Um gemido baixo escapou da minha garganta. Será que amanhã ia ser assim também? Ou Adachi já tinha desabafado hoje? Talvez ela estivesse um pouco mais relaxada amanhã. Mas, por outro lado... relaxada ou não, eu tinha quase certeza de que ela tentaria de novo. Ela se aproximaria de mim, e todos os outros se afastariam, criando uma bolha isolada com apenas nós duas.

Estar com a Adachi limitava minhas possibilidades. Afinal, quanto menos pessoas na minha vida, menos oportunidades eu teria. Enquanto analisava esse fato sem ponderar seus prós e contras relativos, pensei comigo mesma: *bem, obviamente eu deveria escolher o que é melhor para mim.*

Adachi se comprometeu a um caminho sem outras pessoas. Bem, ok — talvez “se comprometeu” fosse um exagero. Para uma adolescente, no entanto, era uma escolha significativa.

“Mas o caminho que eu escolho é...”

Fechei os olhos lentamente, esperando que algum dia eu encontrasse as palavras para terminar essa frase.